

# ESTUDOS ESTILÍSTICOS NO BRASIL

Carlos Eduardo Falcão Uchôa  
(Universidade Federal Fluminense)

## RESUMO

Este artigo objetiva mostrar os inícios e a progressão dos estudos estilísticos no Brasil. Após uma introdução sobre o surgimento, na Europa, da Estilística como disciplina de pesquisa no campo da linguagem, detém-se, sucessivamente, nas contribuições de filólogos, linguistas, teóricos da literatura e gramáticos para o estudo dos mais variados recursos estilísticos ocorrentes sobretudo em autores brasileiros.

**PALAVRAS-CHAVE:** estilo; Estilística; expressividade; funções da linguagem; recursos estilísticos.

## À guisa de introdução

A Estilística é uma disciplina cujo campo de investigação esbarra, logo de início, na conceituação de seu objeto de estudo, o estilo, e, portanto, na sua própria definição. Na verdade, o estilo tem merecido, ao longo da história, mesmo hoje, acepções muito variadas, ora mais amplas (“modo especial de expressão peculiar a um artista, a um lugar, a uma época”), ora mais restritas (“forma funcional de linguagem praticada entre indivíduos do mesmo grupo social ou profissional: estilo burocrático, estilo jornalista”). “... el estilo es una noción flotante, que desborda sin cesar los límites dentro de los cuales se pretende encerrarla, uno de esos vocablos calidoscópios que se transforman en el instante mesmo en que nos esforzamos por fijarlos”. (GUIRAUD, 1970, p. 50)

Encarado, de início, genericamente, como maneira de falar em público e de convencer o ouvinte, o estilo foi objeto de estudo, na Antiguidade, de uma disciplina muito cultuada, que era a Retórica,

nascida na Grécia. Essa arte de persuadir, de argumentar, se baseava em três noções fundamentais: a da invenção (escolha das ideias), a da composição (disposição das ideias) e a do estilo (os tropos, ou seja, os meios de expressão particulares, selecionados pela natureza do discurso a pronunciar, de acordo com os temas, os objetivos e circunstâncias do que seria manifestado). Os tipos de discurso viriam a constituir os gêneros, com suas formas específicas. As noções de gênero e forma se estenderiam, a seguir, à arte literária. A partir de então, o estilo passa a ser compreendido como a forma específica de uma obra condicionada à sua função, tendo a Retórica descrito e sistematizado tais funções com base em preceitos normativos, depreendidos dos escritores consagrados.

A Retórica manteve-se muito prestigiada através da Idade Média e dos séculos clássicos, só passando a apresentar-se em nítida decadência nos fins do século XVIII, com o advento do Romantismo.

O descrédito da velha Retórica adveio, primeiro, do fato de ela não se ter renovado ao longo de tantos séculos, de ter, em suma, se esclerosado, continuando a ser um conjunto de preceitos normativos, inconcebível para a constituição de uma desejada ciência, sem falar da obsessão classificatória, da classificação pela classificação, tornando, tantas vezes, o texto literário um mero pretexto para se identificar e denominar as figuras, com evidente prejuízo da emoção, do prazer, que ele deveria proporcionar. Mas o desprestígio da Retórica se deu também em razão da revolução ideológica, cultural, processada no século XIX, que veio a propiciar uma mudança na maneira de encarar a criação literária e a linguagem e, assim, o próprio homem e a sociedade. Sabe-se que, por volta dos anos de 1960, pode-se constatar um movimento de revalorização da Retórica, por uma diferente avaliação de sua contribuição aos estudos dos fatos da linguagem. Autores como J. Cohen (1966), entre outros, têm tratado desta renovação dos estudos retóricos.

No mundo moderno do século XIX, o que passa a contar, para o homem, é a experiência vivida, o eu criador, daí a possibilidade de coexistirem, por exemplo, tantas maneiras de se reagir ante a morte, como espécies de sentimentos a que o ser humano fica exposto em variadas situações. Sugestivo que o linguista suíço Bally, considerado um dos fundadores da então nova disciplina, a Estilística, publique, nos inícios do século XX, uma das suas principais obras com o

título de *Le langage et la vie*, de onde se colhe esta passagem: “Votre enfant va mourir”, on peut bouleverser une vie; mais la réalité est seule responsable: “mourir” est l’étiquette d’une idée pure, si bien que “Louis XIV est mort en 1715” nos laisse tout à fait froids”. (1952, p. 115)

O homem clássico, ao contrário, vivia um mundo de valores universais e permanentes, uma ordem imutável da razão, da moral e da estética.

Perdida a Retórica sua longa autoridade normativa, e também o seu valor de critério de avaliação estética, abre-se um vazio no campo do estudo da linguagem. A Linguística, ao se firmar como estudo científico da linguagem, no século XIX, na perspectiva histórico-evolucionista, sob notória influência de filosofia positivista, não podia acolher como objeto de estudo o estilo, sabidamente, um fenômeno de origem individual e de natureza psíquica. Como que se ficou na expectativa da progressão do pensamento científico que viesse a alcançar o enfoque do estilo, a fim de que esta noção tivesse o seu lugar no quadro da Linguística, que comportaria variadas disciplinas. Na verdade, só no século XX, surgiria a Estilística, com fundamentos e métodos novos, consolidando-se, gradativamente, como uma área de investigação de intrincados problemas, mas, sem dúvida, das mais sugestivas do estudo do fenômeno linguístico.

Tornou-se consensual que, nos primórdios do século passado, se formaram duas grandes correntes a inaugurarem o campo da Estilística, focalizando o estilo com propostas diferentes, mas que não deixam de se pressupor.

A primeira, conhecida como idealista, por se prender à filosofia idealista de B. Croce e K. Vossler, teve à frente Leo Spitzer. Nesta chamada escola idealista alemã, o estilo abarca todo elemento criado pela linguagem, reconhecido como próprio do indivíduo, refletindo, assim, a sua originalidade. Daí a tantas vezes lembrada observação de Vossler: “na linguagem de um vagabundo mendicante há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mar expressional de um Shakespeare”, o que marca uma notável mudança no conceito e no estudo do estilo, não identificado apenas com o estilo literário. A linguagem é, pois, considerada, a expressão de uma vontade. Por isso, para tal orientação de estudo, a Estilística, denominada Estilística Genética ou Estilística Individual, transcende a linguagem, produzindo esta uma obra, em sentido amplo, no centro da qual o espírito criador é o princípio de coesão interna da obra. (GUIRAUD, 1970, p. 84)

Se é certo, então, para a corrente idealista, que as forças criadoras que trabalham uma língua se manifestem nas inúmeras situações vivenciais, também é certo o reconhecimento da expressão literária como aquela em que a força criadora se encontra em estado mais puro. Por isso, tal corrente estilística se direcionou para a investigação do estilo da obra literária, lançando uma ponte entre a linguística e a literatura. (SOARES, 1975, p. 4222)

Dámaso Alonso é nome prestigioso que integra tal corrente, denominada também de Estilística Literária. Para ele, a compreensão da obra literária depende essencialmente da intuição, da intuição criadora do autor e da intuição atualizadora do leitor, podendo-se, no entanto, estudar cientificamente os elementos expressivos presentes na linguagem, cabendo precisamente à Estilística o propósito de explicar, em bases científicas, os fatos linguístico-estéticos.

A segunda orientação estilística, constituída também no início do século XX, encabeçada por Bally, discípulo de Saussure, se preocupa em criar uma metodologia científica, para ir surpreendendo as relações do pensamento e da vida, no que também se opunha, como a orientação genética, ao positivismo dos neogramáticos, com suas leis imutáveis. No entanto, a estilística ballyana não se afasta dos métodos do positivismo, no seu afã de chegar a investigações objetivas e a classificações, mas dos fatos de estilo. Bally e seus seguidores advogam, a rigor, uma Estilística da *langue*, cujo objetivo último “é o balanço dos procedimentos expressivos, em geral, de uma língua, independentemente dos indivíduos que dela se servem” (citado em CÂMARA, 1997, p. 24). Na verdade, Bally busca completar seu mestre: ao lado da gramática conceptual de Saussure, apresenta sua “gramática expressiva”, ou seja, um sistema expressivo, objeto de estudo da Estilística: “Étude des faits d’expression du language organisé du point de vue de leur contenu affective, cest-à-dire l’expression des faits de la sensibilité par le language et l’action des faits de language sur la sensibilité” (1951, p. 16). Esta Estilística, de origem franco-suíça, se tornou conhecida justamente como Estilística Descritiva ou Estilística da Expressão. Para Bally, pois, a linguagem expressa, juntamente com as ideias, os sentimentos, sendo estes que vão individualizar a expressão.

Tudo o que ultrapassa, então, o lado puramente referencial da linguagem pertence ao domínio da expressividade (conceito – res-

saltamos nós – que Bally vem a aditar em substituição ao de afetividade, por ser mais amplo): as tonalidades emotivas, a ênfase, o ritmo, a simetria, a eufonia e também os chamados elementos evocativos... (SOARES, 1975, p. 4221).

Se é verdade que a maioria dos estilicistas se concentra na língua literária, Bally, diferentemente, se detém, sobretudo, na língua oral e na língua popular, chegando a revelar mesmo um nítido pouco caso pelo estilo literário, um arremedo, para ele, do estilo oral mais espontâneo. O caráter intencional dos escritores os subtrai, segundo ele, das malhas do sistema expressivo, o verdadeiro objeto de estudo da Estilística Descritiva.

Um conceito que se tornou básico para o estudo da expressividade é o do desvio, que, aliás, remonta à Antiguidade. Nas várias maneiras de expressar a mesma ideia na língua, o desvio representaria aquela que se afasta da que é tida por “normal”, pois pertinente a uma norma, não só estatisticamente (seria o caso de uma concordância siléptica), mas também qualitativamente, no caso de se afastar do valor base de uma forma do sistema (como na ocorrência de uma forma verbal no futuro a conotar incerteza, dúvida).

Alguns dos continuadores de Bally, como Marouzeau e Cressot, se afastam em alguns pontos dele. Voltam-se, por exemplo, para a linguagem literária, elegendo-a mesmo como o domínio por excelência da Estilística, porque é, nos textos literários, segundo eles, que encontramos os recursos expressivos mais variados e sutis. Marouzeau insistia na língua como um conjunto de possibilidades, cabendo aos usuários a escolha, isto é, o estilo, de acordo com as suas necessidades de expressão.

Depois de Spitzer e de Bally e seus seguidores, a Estilística não deixou de conhecer outros caminhos. Não se pode omitir, por exemplo, a bem conhecida função poética de Jakobson. O linguista checo não adota os termos estilo e Estilística, substituindo-os por **função poética** e **Poética**, respectivamente. A função poética, voltada para a própria mensagem, sua elaboração, pode ter preponderância sobre as outras (referencial, conativa...) ou apenas ocorrer no texto. Podemos, então, afirmar que, enquanto, para Bally, a Estilística está centrada na função emotiva ou na função conativa, para Jakobson, a Estilística está voltada para a relação da função poética com as demais. A Poética viria a ser, pois a parte da Linguística que focaliza a função poética nas suas relações com as demais. Vários outros linguistas

modernos também trouxeram as suas importantes contribuições aos estudos estilísticos, como Riffaterre (1973), que propõe uma Estilística Estrutural, através da qual a tarefa da disciplina é a de identificar a reação do leitor diante de textos e procurar a fonte destas reações na forma do texto. Para ele, é destituída de pertinência estilística a referência ao autor. Por isso, os estudos estilísticos devem ter por base depoimentos de leitores, quer sejam críticos, quer sejam pessoas de certo lastro cultural. O contexto, por sua vez, é incorporado por ele aos efeitos do estilo.

Uma palavra sobre o método estatístico. Apesar de críticas levantadas, veio a constituir um instrumento eficaz no estudo da expressividade, sendo sugestiva, por exemplo, a análise da frequência do léxico em certo poeta, ou em poetas de determinados movimentos estéticos (MULLER, 1968). Saliente-se que a estatística não se propõe substituir uma análise quantitativa objetiva a uma apreciação qualitativa subjetiva. Elas, na verdade, se unem, com a estatística objetivando introduzir certo rigor na apreciação quantitativa presente em todo discurso.

Este texto não tem, nesta sua parte introdutória, dois objetivos: a) entrar em considerações críticas acerca das correntes estilísticas em aqui mais se deteve; b) referir-se a todos os caminhos que a Estilística continua abrindo nos últimos tempos, já que se destina somente, esta resumida introdução, a ser um suporte histórico e cultural do que adiante será exposto: a focalização de algumas questões que marcaram o estudo da disciplina entre nós.

O certo é que a Estilística, no seu afã de constituir-se como ciência, tem apresentado sempre como objetivo o de explicar os usos da linguagem que ultrapassam a função puramente denotativa, com maior exatidão e sem o propósito normativo que caracterizou a Retórica. (MARTINS: 2000, p. 22)

## A Estilística entre os filólogos

Sabe-se que a Linguística moderna, entendida aqui como a que teve como ponto de partida o *Curso* de Saussure (1916), custou a chegar ao Brasil, com a orientação estruturalista dominante nos primeiros decênios do século XX, na Europa e nos Estados Unidos. Só, em 1941, Mattoso Câmara publica um compêndio, *Princípios de linguística geral*, em que estão presentes vários conceitos explicitados na obra do mestre genebrino, e, em 1953, dá ele a conhecer o seu

pioneiro *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, focalizando o campo de estudo que primeiro foi desenvolvido pela nova corrente linguística. No mundo acadêmico, apenas na década dos anos de 1960, é que a Linguística se torna obrigatória no currículo de Letras, com a improvisação, de início, de muitos professores, que, até então, lecionavam outras disciplinas.

Na área de Estilística, como era de se esperar, o mesmo retardo no aparecimento de publicações e na sua acolhida em nossos Cursos de Letras. A Estilística, na verdade, mereceu pouca atenção mesmo de filólogos de prestígio, durante a época em que a Filologia tinha como objeto de estudo toda a investigação da linguagem, tendo alcançado, por isto, justo prestígio. Não se consideram aqui os vários ensaios, alguns excelentes, que focalizam, por exemplo, Machado de Assis, mais voltados para a sua obra, sua personalidade, a filosofia de seus textos, seus personagens, mas que pouco se detiveram nos recursos estilísticos de seus numerosos textos.

Said Ali merece ser, logo de início, mencionado por sua preocupação com os recursos expressivos do português. Assim, em *Meios de expressão e alterações semânticas* (1930), enfoca o estudo das tendências psicologistas na interpretação dos fatos sintáticos e lexicais. Destaca-se o ensaio sobre “Expressões de situação”, com comentários dos mais perspicazes sobre fragmentos textuais, literários ou não, com a ocorrência de diálogos, podendo-se considerá-lo mesmo como o estudioso que se coloca na origem das pesquisas estilísticas entre nós. De fato, a Estilística está sempre nestes seus comentários, embora não haja da parte do nosso filólogo a preocupação de conceituar estilo e Estilística, evitando mesmo, de todo, o uso de metalinguagem nas suas observações textuais.

Também na sua valiosa *Gramática secundária da língua portuguesa*, do início dos anos de 1920, Said Ali trata da Estilística, agora nomeando-a. O capítulo dedicado à sintaxe, denominado “Sintaxe e Estilística”, fala em “equivalências estilísticas das orações condicionais” e, em dois outros, aborda as figuras de sintaxe e tropos. Fica claro que, para ele, um recurso estilístico é um recurso expressivo, ou seja, um recurso para reforçar uma ideia com mais clareza, para acrescentar a um conceito uma maior densidade semântica ou uma mais adequada maneira de dizer, a serviço de certo intento especial. Portanto, ainda que não defina Estilística, sua compreensão do papel da disciplina aparece clara. Não foge, contudo, Said Ali, aqui e ali, de

considerações normativas, à maneira de um manual de estilo. “Não é de bom gosto o falar ou escrever continuamente por metáforas: e, se são antigas e muito sovadas, só mostrará a penúria de talento. Agradam antes as imagens quando com alguma avareza vêm esparsas pela linguagem chã e natural”. (1963, p. 222)

Said Ali não se atém, como era de orientação mais geral em sua época, à língua literária, mas se vale também de exemplos da linguagem corrente.

Sousa da Silveira, outro eminente filólogo, também se ocupou de Estilística, em algumas de suas obras. Diria que, sobretudo, com os textos de que publicou cuidadosas edições, como as obras de Casimiro de Abreu (1940), de muito enriquecida de notas justificativas sobre certos modos de dizer do poeta, tidos como deslizes gramaticais de nosso romântico, por estudiosos engessados por regras cerebrinas quanto ao uso do vernáculo. Sousa da Silveira foi um autêntico pioneiro entre nós ao combater a tirania da Gramática, prejudicial tantas vezes à espontaneidade do estilo. Elia (1975, p. 142) percebeu bem o valor conjunto destas notas apostas ao texto de Casimiro, quando afirma: “constituem, em grande parte, um comentário estilístico da obra casimirana.”

Nas suas *Lições de Português* (1972), cuja primeira edição é de 1923, dedica um capítulo especial (p. 271-278) à Estilística. Preocupa-se, logo de início, de fazer sentir a diferença entre Gramática e Estilística, preocupação, ressalte-se, sempre presente nos nossos estudiosos.

Os fatos sintáticos expostos numa gramática compendiam o que ocorre, em geral, na língua, aquilo que se aceita comumente como correto. O escritor, porém, usa das possibilidades consignadas pela gramática, não indiferentemente, mas em atenção ao efeito que deseja produzir; aproveita delas segundo o processo de formação de seu pensamento e mobilidade, a vivacidade do sentimento que lhe domine a alma e o faz vibrar. (p. 271)

Sousa da Silveira não deixa, contudo, de trabalhar, embora sem mencionar o termo, com o conceito de desvio, precisando melhor o emprego de “uso das possibilidades consignadas pela gramática”, pois, nem todas as possibilidades fazem parte da gramática. “... a estilística mostra como o instrumento da língua funciona: quase sempre em consciência com os preceitos expostos pela gramática, **mas não raro afastando-se deles para alcançar melhor o seu fim supremo – a exposição.**” (p. 275) (grifamos)



O filólogo brasileiro chega a falar em “sintaxe anormal”, “discordância gramatical”, para se reportar, na verdade, aos “desvios estilísticos”.

Discipulo de Sousa da Silveira, Jesus Bello Galvão foi um estudioso dos procedimentos estilísticos do português. Dele são *O pleonasma e mais dois estudos de língua portuguesa* (1949) e o mais abrangente *Subconsciência e afetividade na língua portuguesa* (1954), que, durante um bom tempo, tornou-se obra clássica dos estudos estilísticos no Brasil. São palavras colhidas na *Explicação prévia* escrita para a 1ª edição desta sua obra:

Infelizmente, quando entre nós se estuda concretamente a língua, com as sempre honrosas exceções, é para reduzi-la ao simples e muitas vezes inexpressivo mecanismo gramatical. A preocupação exclusiva e primária de ensinar a falar e a escrever corretamente apenas. (1967, p. VII-VIII)

E logo adiante:

Temos que essa obstinação de tudo apreciar pelo acanhado prisma do certo e do errado lastreia, predominantemente, os estudos gramaticais e provoca o atraso fatal das pesquisas estilísticas. E essa permanente censura gramatical agrava o já agônico drama da exposição. (1967, p. VIII)

Oportuno registrar a epígrafe escolhida por Galvão para esta sua obra, um texto de Charles Bally, extraído de *A linguagem e a vida*:

A manifestação natural e espontânea das formas subjetivas do nosso pensamento é a afetividade: está indissolavelmente ligada a nossas sensações vitais, a nossos desejos, a nossas vontades, a nossos juízos de valor. Afetividade – o que vem a ser o mesmo – é o sinal exterior do interesse pessoal que sentimos pela realidade.

Eis, pois, Galvão identificando expressividade com afetividade, na linha de Bally, que evoluiu do conceito de afetividade para o de expressividade, certamente mais amplo. Neste seu livro, o filólogo brasileiro procede a análises de inúmeros textos, de diversos escritores. No terreno da Estilística, não há como deixar de considerar Galvão um pioneiro, embora esta sua obra nem sempre, hoje em dia, seja sequer mencionada. Recorre ele aos mais prestigiosos cultores da disciplina fora do Brasil (Vossler, Spitzer, Bally, Marouzeau, Cressot...), que se tornara, já então, um campo de especialização firmado na linguística moderna.

Rodrigues Lapa é outro representante da Filologia que não pode deixar de ser mencionado aqui. Embora português, sua obra *Estilística da língua portuguesa*, cuja primeira edição é de 1945, foi lançada também numa edição brasileira, no final dos anos de 1950, integrando a tradicional Biblioteca Brasileira de Filologia da Livraria Acadêmica, tendo alcançado, através de edições sucessivas, uma muito expressiva aceitação entre nós, como uma resposta dos leitores dedicados ao estudo da língua e da linguagem quanto à carência que sentiam de um compêndio mais abrangente, mais sistematizador, acerca de uma área de investigação que ainda se apresentava incipiente em nosso país.

Valendo-se de exemplos literários e também de sua autoria, Lapa, sem conceituar estilo e Estilística, percorre o vocabulário português (em quatro capítulos), a fraseologia, a formação das palavras, as classes de palavras e a concordância, procurando captar os elementos afetivos ou evocatórios nestas unidades e processos gramaticais da língua.

O livro do autor português, nome consagrado no mundo filológico, adota, em várias passagens, uma atitude claramente normativa, de todo inaceitável a uma estilística descritiva, como nos casos dos francesismos “censuráveis” ou da adjetivação que “atrapalha” certos trechos de escritores consagrados. Fala em “pecados de francesia” de Eça de Queirós e de Fialho de Almeida (1959, p. 43) e, mais grave, chega a propor outra redação para um trecho duma escritora moderna, não nomeada, “banidos os clichês e alguns elementos supérfluos de caracterização”. (1959, p. 115)

Francisco da Silveira Bueno, de formação filológica, foi autor (1964), de uma *Estilística brasileira: o estilo e sua técnica*, em que adota uma visão já tida por tradicional a respeito do fato expressivo. Em suma, um compêndio de recursos expressivos da língua.

Ainda um outro nome do nosso meio filológico, o de Gladstone Chaves de Melo, lança, em 1976, o que ele denominou *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Pelo ano de publicação, Melo já trata, em sua obra, de questões mais atualizadas desta área da pesquisa linguística. Assim, detém-se no conceito de Estilística, das duas posições fundamentais, a da Estilística da Expressão e da Estilística Genética, faz sua opção pela primeira, que se situa na *langue*, por isso tem em mira a sistematização dos meios que ela

oferece ao sujeito-falante para a exteriorização de suas ressonâncias afetivas, focaliza as funções da linguagem de Karl Bühler, relacionando a estilística ballyana às funções expressiva e de apelo (“aliciamento”), criticando, no entanto, o linguista suíço por ter excluído a língua literária do escopo dos estudos estilísticos ou expressivos. Conclui ainda afirmando ser a Estilística Genética mais literária do que propriamente linguística, mais interpretativa do que sistematizadora, enfim, menos ciência do que arte, ficando do lado da fala, ou discurso.

Melo chega a dedicar um capítulo sobre “Modernas Correntes”, em que focaliza posições como a de Jakobson, Barthes, Riffaterre, além da Estilística Estatística. Termina, por concluir que as modernas correntes deixam intocada a Estilística da linha de Bally e ameaçam obscurecer e avelhantar a da linha Vossler-Spitzer. (1976, p. 33-41)

Há, contudo, na obra de Melo, em algumas de suas passagens, uma atitude meramente subjetiva, quando, por exemplo, referindo-se à realidade brasileira, a contrasta com a dos gregos, dos franceses, dos italianos ou dos espanhóis, que, ao usarem a *coiné*, em geral capricham. Muitos escritores nossos, para ele, quase que só empregam frases-feitas, adjetivos fatais, verbos inelutáveis, tudo em torno de substantivos mornos e vagos. (p. 23-24)

Neste rápido olhar sobre a contribuição de alguns prestigiosos filólogos, que assim se consideravam e assim se intitulavam, sobre o terreno da Estilística, podemos enfatizar, reiterando, que ela foi restrita. Em geral, não chegam a conceituá-la, exceção feita a Melo, em seu compêndio, publicado já no final dos anos de 1970, num momento, pois, de sensível e amadurecido avanço nas publicações e debates desta área de investigação linguística. Melo tem razão quando assinala que as obras de Lapa e de Silveira Bueno não se capitulariam entre o que hoje se entende por Estilística. (1976, p. 12) Mattoso Câmara (1976, p. 60), em ensaio publicado em 1968, afirmou que, no Brasil, a Estilística “é equivocadamente compreendida, quer como uma oposição à gramática normativa das escolas, quer como o conjunto das idiosincrasias psicológicas individuais” (o compêndio Melo é de 1976), embora, ressaltemos, se refiram, em geral, aos recursos estilísticos como portadores de uma carga expressiva ou emocional. Mas, a rigor, a disciplina não aparece caracterizada como tal.

## A Estilística entre os linguistas

Mattoso Câmara, introdutor da Linguística moderna entre nós, e em Portugal, com a adoção e divulgação do estruturalismo linguístico, é também o responsável pelo primeiro ensaio teórico sobre a estilística linguística, com *Contribuição à estilística portuguesa*, de 1953, situando a Estilística na área dos conceitos de *Kundgabe* e de *Appell* de Karl Bühler, traduzidos por expressão ou manifestação psíquica e apelo, respectivamente. Na primeira parte de sua obra, Mattoso Câmara apresenta uma breve síntese histórico-crítica das principais correntes estilísticas da primeira metade do século XX. Para ele, “a base verdadeiramente sólida da estilística” foi a proposta por Bally, advogando então uma “estilística da *langue*”, cujo objetivo último “é o balanço dos processos expressivos, em geral, de uma língua, independentemente dos indivíduos que dela se servem”. Além deste seu ensaio, o linguista brasileiro escreve um importante artigo, “Considerações sobre o estilo”, em 1961, incluído posteriormente em seus *Dispersos*. (1972, p. 133-141) Aqui, Mattoso Câmara ainda torna mais explícita sua posição a respeito da Estilística.

A solução para introduzir os elementos emocionais no sistema intelectual da língua é que está na base do estilo, em última análise (...). Chega-se assim à conclusão de que se deve caracterizar o estilo – não pelo contraste individual em face do que é coletivo, mas sim pelo contraste emocional em face do que é intelectual.

Por conseguinte, Mattoso Câmara propõe em relação à *langue* duas disciplinas linguísticas: a Linguística propriamente dita, estudo da língua enquanto sistema representativo, e a Estilística, ou Linguística do estilo, estudo da língua enquanto sistema de expressividade. Advirta-se que a posição do nosso linguista em relação à Estilística nem sempre coincide com a de Bally. Um ponto de divergência muito importante é a colocação ante a língua literária. Bally afasta da Estilística o estudo dos textos literários, pelo seu caráter consciente, refletido, elaborado, nada espontâneo, ao passo que Mattoso Câmara não afasta absolutamente a língua literária de Estilística, pois, nela, um poeta, um romancista, se valem de processos estilísticos “a serviço de uma psiquê mais rica e especialmente educada para o objetivo de exteriorizar-se”. A posição assumida por

Mattoso em face da Estilística teve, e tem ainda, uma expressiva repercussão entre nós, como se pode comprovar em inúmeras publicações que começariam a ser conhecidas no ambiente acadêmico depois de lidos seus textos sobre o tema.

Na segunda parte de *Contribuição à estilística portuguesa*, Mattoso Câmara trata de algumas poucas possibilidades expressivas do português, sempre com comentários dos mais perspicazes, pioneiros também em nosso meio acadêmico. Prova eloquente do valor atribuído pelo nosso pioneiro linguista à análise de textos literários, são os seus *Ensaio machadianos* (1977), coleção de onze ensaios sobre recursos estilísticos em algumas obras do grande romancista brasileiro, por quem Mattoso Câmara manifestou sempre especial interesse, dados os seus recursos expressivos “sutis e múltiplos”.

Outro linguista brasileiro, Sílvio Elia, sempre atento à progressão da linguística moderna, também dedicou muita atenção à tarefa de caracterizar a Estilística, no quadro do estudo da linguagem.

Em suas *Orientações da linguística moderna* (2 ed., 1978, a 1 ed. é de 1955), Elia dedica um substancial capítulo (p. 51-100) à Estilística. O autor, ao contrário de Mattoso Câmara, sofreu forte influência das ideias vosslerianas, o que o singulariza no Brasil. Ele próprio, em ensaio de 1973, esclarece a respeito desta influência:

Aproveite para esclarecer que a apontada influência de Vossler em minha obra é notória e real. Mas valeu, antes de mais nada, como uma atitude de oposição à mentalidade positivista, que via na Linguística uma ciência natural, estudável pelos mesmos métodos praticados nas ciências físicas de modo geral. Vossler acentuou o aspecto criativo do fato linguístico, e isso pareceu (e parece-me) altamente saudável (1973, p. 18).

Assim, para Elia como para Vossler, a ciência da linguagem é, em essência, a Estilística. Enquanto Saussure vê na Linguística, entendida como a ciência da *langue*, a genuína ciência da linguagem, Vossler atribui essa prerrogativa à Estilística. Se a opção se impusesse, declara Elia, ficaríamos com Vossler, sem hesitar (1978, p. 64)

(...) Nesse ponto Saussure tem razão: existe uma Linguística da língua e outra da palavra (*parole*). Apenas a parte essencial não é a Linguística como afirmou o mestre genebrino e sim a Estilística, como pretendia Vossler, porque só assim podemos religar o fenômeno linguístico à sua causa primária e eficiente, o espírito humano. (1978, p. 64)

Em suas *Orientações*, noutro capítulo, dedicado ao idealismo linguístico (p. 15-30), estende-se em considerações sobre a filosofia de Vossler.

A partir dos anos de 1960, com a maior divulgação da Estilística com suas correntes, começam a ser publicados vários ensaios, de orientações distintas, sobre a expressividade de recursos idiomáticos e sua eficácia estética em escritores brasileiros. É verdade que, ainda nos anos de 1950, Othon Moacyr Garcia começa a publicar seus ensaios de análise estilística sobre a obra de seis poetas brasileiros. O primeiro deles é de 1955, *Esfinge clara*, sobre a poesia de Drummond, a que se seguiriam: *Luz e fogo* no lirismo de Gonçalves Dias (1956), *A janela e a paisagem* na obra de Augusto Meyer (1958), *A página branca e o deserto. Luta expressa em João Cabral de Melo Neto* (1957-1958), *Cobra Norato: o poema e o mito* (de 1962, ensaio sobre Raul Bopp) e *Exercício de numerologia poética: paridade numérica e geometria do sonho num poema* (“Canção excêntrica”) de Cecília Meireles, já de 1978. Todos estes ensaios de Garcia foram reunidos, em 1996, numa 2ª edição pela editora Topbooks.

Antes de mencionarmos alguns poucos ensaios de outros autores, a partir dos anos de 1960, é preciso deixar aqui bem claro que um artigo tem, necessariamente, de não exceder um determinado número de páginas, razão por que os ensaios serão apenas citados, sem sequer um breve comentário analítico. Mas, em nosso percurso textual, julgamos por bem não omiti-los, deixando ao leitor, através das referências bibliográficas, a possibilidade de consultar aqueles cuja leitura lhe for de maior interesse. Relevante, em primeiro lugar, é o conhecimento da existência de alguns destes ensaios estilísticos, de inegável valor, entre nós.

Todos os ensaios nomeados, em geral, investigam certos aspectos expressivos recorrentes numa obra, base imprescindível para alguns penetrarem no domínio da crítica literária, já, pois, com juízos de valor da obra analisada.

Serão mencionados aqui apenas aqueles que tivemos a oportunidade, à época de suas publicações, de ler, na verdade, todos de estilística literária. Em 1968, aparecem dois dos mais instigantes destes ensaios: *A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade*, de Hécio Martins, e *Machado de Assis e a análise da expressão*, de Maria Nazaré Lins Soares, ambos merecedores de extensos e substanciosos prefácios de Antônio Houaiss. Soares, em coautoria,

foi também responsável pelo longo e atualizado verbete *Estilística*, da Enciclopédia Mirador Internacional (1975, p. 4220-4224), que finaliza com extensa e bem selecionada bibliografia.

Em 1970, um outro conhecido ensaio sobre Drummond: *Drummond – a estilística da repetição*, de Gilberto Mendonça Teles, com esclarecedor prefácio, sobre o valor da obra, de Othon Moacir Garcia. Em 1978, Castelar de Carvalho publica *Ensaaios gracilianos*, que comporta três estudos: “O *stream-of-consciousness* em Vidas Secas”, “Depreensão de traços estilísticos (estilemas) no 2º Relatório de Graciliano Ramos e “Lógica e Psicológica dos Diminutivos” (uma aplicação em *Angústia*). O autor de *Ensaaios*, em recente e longa pesquisa, lança, em 2010, o seu *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas* (p. 126-235). Na parte referente ao estilo, Castelar de Carvalho faz útil levantamento dos mais variados recursos estilísticos ocorrentes nos oito romances escritos pelo Bruxo do Cosme Velho, longe, muito longe, de se limitar às figuras de linguagem.

Reiterando, não nos é possível, nos limites (obrigatórios!) de um artigo, registrar todas as obras publicadas sobre recursos estilísticos de escritores brasileiros, sobretudo a partir dos anos de 1970. Machado, Graciliano, Guimarães, Drummond, Bandeira, Cabral, Amado, e tantos outros, têm merecido pesquisas de valor sobre sua expressividade estética. O levantamento, com breve comentário analítico, de todos estes trabalhos exigiria, antes de mais nada, uma pesquisa bibliográfica extensa, a requerer muito tempo, muito longe da meta a que se propõe este artigo, a de apenas delinear a progressão dos estudos estilísticos no Brasil, em um panorama, pois, geral.

Ainda nos anos de 1960, Domicio Proença Filho (1967) lança, o seu *Estilo de época na literatura*, com apresentação de Cleonice Berardinelli. A obra alcança edições sucessivas, estando hoje em 20ª edição (de 2012). De interesse maior para o nosso texto, o capítulo “*Estilo Individual, Estilo de Época*” (p. 43-58). Como era previsível, interessa-se pelo estudo da expressão literária de autores de épocas diversas, em relação à qual nomeia uma série de recursos expressivos manifestados, desde a rima ou as aliterações, até o uso repetido de um simples morfema, colhido em poesia de Pessoa (“Um supremíssimo cansaço, / íssimo, íssimo, íssimo / Cansaço.”).

No que concerne aos compêndios abrangentes com vista a depreender um “sistema expressivo” da língua portuguesa, além das já citadas obras de Lapa, Bueno e Melo (este último, como dissemos

bem mais atualizado do que os dois outros), passamos a contar, na década de 1990, com mais dois estudos dedicados à dimensão expressiva da atividade linguística, com base em ocorrências do português: *A Estilística*, de José Lemos Monteiro (1991) e *Introdução à Estilística*, de Nilce Sant’Anna Martins (3.ed., 2000). Os dois compêndios retratam os avanços da ciência linguística no estudo contemporâneo da expressividade, ou seja, no campo da Estilística. A obra de Martins se apresenta mais desenvolvida, mais abrangente. Há, para finalizar este ensaio, a transcrição de vinte textos, em prosa e poemas de dezesseis autores brasileiros, para análise estilística, com sugestões de estudo para cada um.

## A Estilística e as gramáticas

Qual o tratamento que algumas das nossas mais recentes gramáticas concedem à Estilística? Indagação importante para se poder avaliar, até certo ponto, um possível reflexo do estudo dos recursos estilísticos no ensino da língua. Longe de nos reportarmos aqui às inúmeras gramáticas, atende-nos apenas àquelas com que estamos mais familiarizados, sem, absolutamente, nenhuma atitude de menos valia das demais.

Rocha Lima, em sua conhecida *Gramática normativa da língua portuguesa* (1972), cuja 1ª edição é de 1958, intitula a última parte dela de “Rudimentos de Estilística e Poética”, pois também nele aborda “Noções de versificação”. Começa por tratar das funções da linguagem de Karl Bühler, procurando relacioná-las, como procedera Mattoso Câmara, com a gramática e a estilística, entendendo, então, por esta última o estudo da “expressividade delas (das formas linguísticas), isto é, a sua capacidade de transmitir emoção e suggestionar os nossos semelhantes” (p. 476). Trata, adotada a orientação de Bally, dos recursos da estilística fônica, da estilística léxica e da estilística sintática, contemplando, nesta última, não só as figuras de sintaxe, mas também ocorrências como a mudança de tratamento, a colocação dos pronomes átonos, o infinitivo flexionado e a interrogação, ocorrências, sem dúvida, mais importantes para o ensino do vernáculo do que a mera apresentação das figuras de sintaxe, das figuras de palavras e das figuras de pensamento. Rocha Lima ainda trata, no campo da Estilística, através de prestante exposição didática, dos estilos direto, indireto e indireto livre. A Estilística, para ele, baseia-se nos textos literários.



Gladstone Chaves de Melo, em sua *Gramática Fundamental da língua portuguesa* (1968), declara, logo no prefácio, que “Excluimos dela tudo que ficasse bem na Retórica, ou na Estilística”. Para ele, a Estilística é uma disciplina autônoma, rejeitando, assim, a ideia de ver nela uma complementação da gramática, querendo fazer apenas uma gramática, isto é, a sistematização dos fatos da língua-padrão, nos seus alicerces e no arcabouço.

Em 1970, Celso Cunha publica a *Gramática do português contemporâneo*. Na *Advertência* desta sua obra, tece o seguinte comentário (p. 9): “... não descuramos dos fatos da linguagem coloquial, principalmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas”.

Na página seguinte, é mais categórico: “Notar-se-á em todo o volume uma preocupação de salientar e valorizar os meios expressivos do idioma, o que torna este livro não apenas uma gramática, mas também, de certo modo, uma estilística elementar do português contemporâneo”.

Na verdade, nele não ocorre nenhum capítulo denominado de Estilística, que o autor não chega a definir, mas, ao longo de suas páginas, fica clara a identificação de recurso estilístico com recurso expressivo ou afetivo. “Trata-se, pois, de um emprego seletivo, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática” (p. 333). Este emprego seletivo se dá (leiam-se, por exemplo, às páginas dedicadas à sintaxe dos modos e tempos, 308-338), quando há o intuito ou necessidade de manifestar afetividade, ênfase, vivacidade, intimidade, oposição... Valores ou recursos, pois, expressivos. A Estilística, pode-se dizer, então, perpassa pelas páginas desta e das outras duas Gramáticas de Celso Cunha.

Embora com incursões pela estilística coloquial, esta gramática atém-se, fundamentalmente, aos recursos expressivos da linguagem literária.

Oportuno também observar que, em capítulo intitulado “Particularidades de construção”, só trate das figuras de sintaxe, certamente porque não considerava as figuras de palavras e as figuras de pensamento como pertencentes à gramática. As figuras da sintaxe são definidas como “processos expressivos que provocam essas particularidades de construção” (p. 439). Chega a abrir um tópico que denomina de “A elipse como processo estilístico” (p. 441).

Nas subseqüentes obras gramaticais de Celso Cunha, *Gramática da Língua Portuguesa* (1972), que teve a chancela do Ministério de Educação e Cultura, e *Nova gramática do português contemporâneo* (1985), em coautoria com Luís F. Lindley Cintra, não há nenhuma mudança de posicionamento do autor no que concerne à Estilística e ao estudo dos recursos expressivos.

Evanildo Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, cuja primeira edição é de 1961, inteiramente revista e ampliada, em sua 37ª edição, de 1999, conceitua a Estilística em dois tópicos da introdução de sua obra, distinguindo-a da Gramática, com base nas funções da linguagem de Karl Bühler (p. 54) e, logo adiante, afirmando que a Estilística “é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos da língua” (p. 55). Reporta-se

... àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (chamada a *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

Ao longo de sua *Gramática*, a presença da Estilística se faz também sentir, quando trata, por exemplo, da “Fonética expressiva ou fonoestética” (p. 73-75) e de diversos outros recursos da língua, como o emprego de tempos verbais ou aumentativos e diminutivos. Um dos apêndices da obra é o relativo às figuras de sintaxe (p. 592-597). Aqui não fala em estilística, mas o entendimento desta não pode deixar de ser considerado através de alguns comentários, como este: Pleonasma – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase. (p. 594)

Mas Bechara reserva maior atenção à Estilística, na quinta parte de sua obra: *Noções elementares de Estilística* (p. 615-627). Valse da conceituação de estilo de Mattoso Câmara, volta a insistir na distinção entre Estilística e Gramática, na base da oposição entre o emotivo e o intelectual.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado. (p. 615)

Bechara relembra, a seguir, a distinção entre a crítica tradicional e a estilística e entre a análise literária e a análise estilística (p. 615-616): “... o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a **análise estilística** (ainda que elementar...), e não a **análise literária**, que é da alçada do professor de Literatura”.

O âmbito da Estilística, para o autor, não se circunscreve à língua literária, interessando-lhe “tanto a apreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato”.

Conclui Bechara, quanto ao valor da Estilística: “Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e a manifestação da competência expressiva”. (p. 617)

Por fim, o autor exemplifica alguns traços estilísticos nos campos fônico, morfológico, sintático e semântico.

José Carlos de Azeredo publica a sua *Gramática Houiass da Língua Portuguesa*, em 2008. Chama à Sétima Parte de sua obra “A Língua e seus usos expressivos”, em que vem a tratar de estilo, Estilística, recursos estilísticos e figuras de linguagem.

Chamando a atenção para a variedade de modo de conceituar estilo, Azeredo não deixa de caracterizá-lo como “**conjunto dos recursos idiomáticos que estruturam expressivamente a mensagem em função de seu maior rendimento semântico**”. (p. 479) Mostra, na sequência (p. 48), que a concepção de Estilística é também variável, sendo ainda hoje tema de discussão. Fala em expressividade, conceito-chave da Estilística, e de noções a ela correlatas, como as de escolha, desvio e norma, além das de denotação e conotação.

Azeredo reconhece três modalidades linguísticas que estão intimamente relacionadas com os objetivos do usuário: a linguagem intelectual, a linguagem afetiva e a linguagem estética, acabando por reconhecer que os valores afetivos e estéticos são realçados em função de certos procedimentos idiomáticos denominados de **recursos (ou traços) estilísticos**. O autor, então, considera separadamente uma estilística literária. Entre os recursos estilísticos, o autor dá ênfase (p. 482-483) às figuras de linguagem (p. 483-516).

Consoante seu conceito de estilo, que fala em “mensagem em função de seu maior rendimento semântico”, o gramático acolhe não só as figuras de sintaxe, como as de palavras e as de pensamento,

além das fônicas, vinculando-as todas à noção de desvio, seja da significação que o consenso identifica como normal, seja na organização sintática, seja no sentido geral da frase, no entendimento total da mensagem, seja, enfim, na organização da camada sonora da linguagem.

Uma advertência das mais pertinentes de Azeredo é a de mostrar a necessidade de observar a funcionalidade de cada figura no fio do discurso.

... o que torna inócuo o seu inventário, e seu mero reconhecimento sem que tenha a devida competência linguística para perceber a sua funcionalidade no amplo complexo da textualidade. Desse modo, é preciso ver a terminologia que as identifica – e que a muitas pessoas causa justificado desconforto, quando não perplexidade ou rejeição – um instrumental para o reconhecimento técnico do fato estilístico, e não o objetivo da análise (p. 483).

Examinadas as gramáticas selecionadas, constata-se que, com exceção da de Melo (1968), que recusa a ideia de a Estilística fazer parte de uma obra gramatical, todas elas apresentam pontos em comum: a identificação de recurso estilístico com recurso expressivo ou recurso afetivo, explicitação da relação entre a Estilística e a Gramática, o relevo atribuído às figuras de linguagem (CUNHA, 1985, se até às figuras de sintaxe ou construção), a utilização do conceito de desvio e uma influência claramente mais presente da orientação ballyana de Estilística, com a não aceitação, porém, de todas as gramáticas, de excluir a linguagem literária do campo da expressividade, como já se posicionara, pioneiramente, Mattoso Câmara, em 1953. Releve-se ainda que, no concernente a textos literários, os exemplos apresentados de figuras são, frequentemente, de não fácil inteligibilidade, muitos dos autores e obras citados já afastados da contemporaneidade, e de serem tais ocorrências forçosamente destacadas do seu contexto, impossibilitando a percepção da plena extensão do seu valor expressivo, relacionado a outros elementos da rede estilística (MARTINS, 2000, p. 23).

No que toca ao ensino das figuras de linguagem, lembrada a pertinente advertência de Azeredo (2008) acima citada, pensamos que a metalinguagem referente a elas tem sido, ainda, o objetivo maior da análise. Memorizam-se, por exemplo, metáforas, mas há, em geral, dificuldades de reconhecê-las num texto, e, sobretudo, de explicá-las, de compreender o seu mecanismo semântico e, mais ain-

da, de se questionar sobre sua função, responsável por ter o autor do texto empregado a palavra figuradamente. Na verdade, todo um fazer linguístico a penetrar neste fenômeno da linguagem, a ser, pedagogicamente explicitado, fugindo de um mecanicismo que caracteriza, ainda, o ensino da língua, em geral, muito ligado a classificações automatizadas, relegando a reflexão a um papel secundário, o que só pode ser prejudicial à formação cognitiva e emotiva de qualquer educando. As figuras de linguagem, especialmente, são um excelente campo para ampliar o mundo imaginário dos estudantes – questão de magna importância para a vida futura deles.

### À guisa de conclusão

Podemos afirmar, com segurança, que os estudos estilísticos desenvolvidos, sobretudo a partir da segunda metade do século passado no Brasil, garantiram uma produção acadêmica apreciável, centrada na linguagem literária de determinados autores nossos, através de ensaios, merecedores alguns de resenhas críticas das mais favoráveis, voltados para os recursos expressivos recorrentes em um poema, romance ou conto, que venham a contribuir para a apreensão do sentido de um texto elaborado com finalidade artística. Os cursos de pós-graduação, dos anos de 1970 em diante, têm produzido um acervo de dissertações e de teses respeitável neste campo dos estudos linguísticos. A nossa tradição universitária vem relacionando, preponderantemente, os cursos de Estilística com os de Linguística ou com os de Língua Portuguesa, embora, por enfatizar a análise dos textos literários, a bibliografia de Teoria Literária se faça necessariamente presente. Os compêndios, organizados com a preocupação abrangente de reunir uma gama variada de marcas expressivas a fim de esboçar um “sistema estilístico” da língua portuguesa, também foram objeto de publicação entre nós, em um grau de atualização apreciável, sobretudo os de Lemos e de Martins.

Não se pode deixar de enfatizar aqui, ao término deste texto, o papel pioneiro de Mattoso Câmara para o desenvolvimento da pesquisa estilística no Brasil, ao situar, nos anos de 1950, esta disciplina linguística na área dos conceitos de *Kundgabe* e de *Apple* de Karl Bühler, firmando assim – foi a posição dele – a autonomia de um campo de estudo de inegável relevância para a investigação do fenômeno linguístico.

## ABSTRACT

This article aims at pointing out the origins and the evolution of Stylistics in Brazil. After an introduction about the emergence, in Europe, of Stylistics as a discipline in the field of language studies, the article concerns itself with the contributions of Philology, Linguistics, the Theory of Literature and Grammar to the study of the most different stylistic devices employed by writers, particularly by Brazilian ones.

KEYWORDS: style; Stylistics; expressiveness; functions of language; stylistic devices.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Dámaso. *Poesia espanhola*; ensaio de métodos e limites estilísticos. Rio de Janeiro: INL, 1960.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss de Língua Portuguesa*. São Paulo: Pablifolha, 2008.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 3. éd. Paris – Genebra: Librairie Klincksieck – Librairie Geog et Cie, 1951.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Lucerna, 1999.
- BUENO, Silveira. *Estilística brasileira*. São Paulo: Saraiva, 1964.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Considerações sobre o estilo. In: Carlos Eduardo Falcão Uchôa (org.). *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* 3ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 173-179
- \_\_\_\_\_. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio machadianos*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- CARVALHO, Castelar. *Dicionário de Machado de Assis: gramática, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio gracilianos*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1978.
- COHEN, Jean. *Structure du langage poétique*. Paris: Flammarion, 1966.
- CRESSOT, Marcel. *Le style et ses techniques*. 5<sup>e</sup> éd. Paris: Presses

Universitaires de France, 1963.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso. *Gramática de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.

\_\_\_\_\_. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

DUBOIS, Jean et al. *Dictionnaire de linguistique*. Paris: Larousse, 1973.

ELIA, Sílvio. A estilística. In: *Orientações de linguística moderna*. 2ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978, p. 51-100.

\_\_\_\_\_. Os estudos linguísticos na América Latina. In: *Littera*. Rio de Janeiro: Grifo, ano III, nº 8, 1973. p. 5-24.

GALVÃO, Jesus Bello. *Subconsciência e afetividade na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

GARCIA, Othon Moacyr. *Esfinge clara e outros enigmas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

GUIRAUD, Pierre. *La estilística*. Argentina: Editorial Nova, 1970.

JAKOBSON, Roman. 4ed. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970.

LAPA, Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 3ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

MARTINS, Hélcio. *A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de estilística de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1971.

MAROUZEAU, Jean. *Précis de stylistique française*. Paris: Masson, 1969.

MULLER, C. *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse, 1968.

PROENÇA FILHO, Domicio. *Estilos de época na literatura*. 20ed. São Paulo: Prumo, 2012.

RIFFATERRE, Michel. *Estilística estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

SAID ALI, Manuel. *Meios de expressão e alterações semânticas*. 2ed. Rio de Janeiro: Simões, 1951.

\_\_\_\_\_. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. 8ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1972.

\_\_\_\_\_. *Obras de Casimiro de Abreu*. 2ed. Rio de Janeiro: MEC, 1955.

SPITZER, Leo. *Linguística e historia literaria*. Madrid: Gredos, 1955.

SOARES, Maria Nazaré Lins. *Machado de Assis e a análise da expressão*. Rio de Janeiro: INL, 1968.

SOARES, Maria Nazaré Lins. Verbete “Estilística”. In: *Enciclopédia Mirador Internacional*. SP/RJ: Encyclopaedia de Brasil Publicações, 1975, p. 4220-4224.

TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond – a estilística da repetição*. 2ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

---

Recebido em: 29 de maio.

Aprovado em: 10 de junho.